

JORNAL DA
EXPOSIÇÃO

CHEIAS DE 67



[1] Lisbon Flood Disaster
A Calamidade das Cheias de Lisboa
Terence Spencer
Novembro de 1967
Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Na noite de 25 para 26 de novembro de 1967, toda a área da Grande Lisboa foi atingida por fortes chuvadas, que se traduziram no maior desastre natural em Portugal depois do Terramoto de 1755. O nosso Município foi particularmente afetado e os acontecimentos trágicos dessa noite permanecem bem vivos na memória de muitos de nós. A Exposição "Cheias de 67" presta homenagem às vítimas do nosso Concelho, e também aprofunda o nosso conhecimento sobre um momento histórico que teve enormes impactos políticos e sociais no nosso País.

Trata-se uma vez mais de uma exposição de grande qualidade, que mereceu o Alto Patrocínio de Sua Excelência o Presidente da República. O projeto teve curadoria do jornalista Joaquim Letria e os contributos de diversas entidades, que se associaram à Câmara Municipal na evocação desta memória tão importante. A todos eles o nosso agradecimento pela colaboração prestada, bem como às 35 testemunhas que partilharam connosco as suas histórias.

Ao apresentar esta exposição, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, através do seu Museu Municipal, cumpre a sua missão de serviço público, preservando a memória de um tempo ainda muito recente, que tornou evidentes muitas desigualdades e situações de injustiça social, já que o número mais elevado de mortos aconteceu nas zonas mais pobres e degradadas. Consideramos que este é um dos eventos mais marcantes que realizámos no decorrer do presente mandato.

A Exposição "Cheias de 67" está agora à disposição de todos, para que a visitem e conheçam em pormenor. Esperamos que possam partilhar connosco o sentimento de satisfação que temos perante o seu resultado final.

O Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira,
Alberto Mesquita



[2] Lisbon Flood Disaster
A Calamidade das Cheias de Lisboa
Terence Spencer
Novembro de 1967
Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Cheias de 67

Em 2018 fui surpreendido por um convite para ser curador de uma exposição pelo Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Alberto Mesquita. O desafio, que aceitei, era o de homenagear as vítimas das catastróficas cheias de 1967 no Ribatejo e recordar a solidariedade com aqueles que no concelho de Vila Franca de Xira perderam os seus, viram os bens destruídos e as vidas destroçadas, por uma tragédia que sendo nacional, teve aqui o seu expoente mais dramático.

Sei avaliar a importância de quem esteve presente na tragédia, e dou valor a quem na rectaguarda teve a tarefa única e difícil de planificar e organizar o socorro, prestando assistência e denunciando a um País confuso e amordaçado, um desastre desta dimensão.

A cidade de Vila Franca de Xira pretende homenagear a coragem e o sacrifício dos habitantes deste concelho e ajudar a que a memória dos factos perdure e seja conhecida pelos mais jovens. É outro digno propósito desta iniciativa, manter viva a chama da generosidade e demonstrar a capacidade de sacrifício e humildade dos ribatejanos.

Convido-vos a trilhar connosco um caminho, onde as imagens, as palavras e os sons, os recortes de imprensa, os filmes, os vídeos, os testemunhos e as fotos, nos deixam perante um trágico momento daquele que há mais de 50 anos era um pobre e triste País, revelando a realidade de um acontecimento único, cujo impacto a ditadura pretendeu minimizar, já que a sua existência não podia negar.

O Curador,
Joaquim Letria

Em 1967 Portugal vivia um período de ditadura protagonizada por António de Oliveira Salazar. Um governo nacionalista, de partido único, que impunha um regime castrador em relação a todos os aspetos do desenvolvimento económico, social e cultural.

Estava-se perante um país pobre, cheio de desigualdades e fragilidades, atravessando-se uma crise económica, onde predominou uma atitude oficial de isolamento e um atraso em relação ao resto da Europa.

Na noite de 25 para 26 de novembro de 1967, a região de Lisboa e Vale do Tejo foi devastada por um fenómeno meteorológico extremo.

A elevada carga pluviométrica provocou cheias rápidas que aliadas a fatores como o mau planeamento do território e as deploráveis condições de vida da parte dos habitantes, resultou no segundo maior desastre natural após o terramoto de 1755.

Além dos avultados prejuízos, estima-se que mais de 700 pessoas tenham perdido as suas vidas.





5

[3] [4] [5] **Lisbon Flood Disaster**
A Calamidade das Cheias de Lisboa
Terence Spencer
Novembro de 1967
Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira

1967

24 de novembro

Um sistema depressionário formado ao largo do arquipélago da Madeira encaminha-se para Lisboa prevendo-se uma zona de impacto com cerca de 150 quilómetros.

Uma massa de ar movida com ventos fortes é transportada na circulação de um anticiclone a norte dos Açores aliando-se ao sistema inicial.

25 de novembro

O mau tempo atinge o continente, provocando um dia de chuva que se intensifica à medida que a noite se aproxima.

Sentem-se as primeiras dificuldades na capital e arredores com a água a complicar o trânsito automóvel.

21h, chegam os primeiros pedidos de socorro aos bombeiros.

A rede elétrica e as vias telefónicas começam a falhar.

Os esgotos são incapazes de drenar a água, que leva consigo terrenos, árvores e muros, arrancando o calcetamento das ruas, os postes elétricos e as cabines telefónicas, engrossando caudais de ribeiras e rios que transbordam e derrubam as estruturas que encontram no caminho.

CHUVA E MORTE NO FIM DE SEMANA

SEPULTADOS os mortos e socorridos os vivos, subsistem a consternação, uma dorida perplexidade: a imaginação vê-se impotente para reconstituir, em toda a sua medida, o pesadelo que foi aquela noite de 25 para 26 de Novembro. Mais de três centenas de mortos deram dimensões de catástrofe nacional aos efeitos da tempestade que martirizou a região de Lisboa nesse fim-de-semana. Milhares de pessoas sem abrigo, milhares de pessoas a quem as enxurradas e os desabamentos, quando não roubaram familiares e amigos, levaram pelo menos casa e haveres e de gente pobre se tratava na esmagadora maioria dos casos, acrescentam o seu drama a prejuízos materiais ainda impossíveis de calcular, mesmo aproximadamente, até ao momento em que escrevemos.

De facto, Lisboa, immanada no infortúnio com toda a vasta região que se estende dos concelhos de Sintra, Loures, Cascais e Oeiras aos de Vila Franca de Xira, Alenquer e Arruda dos Vinhos, passando pelos de Almada e Barreiro, acaba de sofrer um dos seus maiores desastres de sempre.

Vários passageiros ficam encurralados pela água em automóveis, autocarros, elétricos e comboios.

No Teatro Vasco Santana, o palco, plateia e camarins são inundados, no Cinema Eden, a água atinge quase dois metros na plateia.

23h, as ocorrências são tantas que os bombeiros não conseguem responder, grande parte dos meios de socorro são destruídos pela intempérie.

Aos quartéis vão chegando os sobreviventes, muitos em trajas menores ou sem roupa.

Às águas rápidas das chuvas alia-se uma maré alta de cerca de 4 metros.



A Avenida de Ceuta fica submersa, na Praça de Espanha e na Avenida da Liberdade apenas se circula de barco.

Construídos junto das ribeiras da capital pelo acesso à água, os bairros de lata, como Urmeira, Olival de Basto, Romeira ou Silvado, são agora destruídos pelas águas que vão arrancando as casas e levando os habitantes à sua passagem.



Em Quintas, as chuvas torrenciais aumentam o caudal do Rio Grande da Pipa, arrastando árvores e culturas, bloqueando a Ponte do Cano e iniciando uma subida rápida das águas em toda a várzea. Madrugada, a chuva intensa acorda parte dos habitantes de Quintas. Ouvem-se os gritos vindos das casas mais abaixo. A noite escura impossibilita o auxílio aos familiares e esconde a real dimensão dos acontecimentos. Alguns habitantes conseguem fugir às águas e encontram abrigo nas casas mais elevadas. Os muros junto da Ponte da Couraça cedem, a água, lama e tudo o que a mesma arrastara invadem a Vala do Carregado, iniciando o processo de inundação da Vala e vazando lentamente a água retida na várzea de Quintas. Em Alhandra um comboio de cargas parado junto à vila, detém parte da água vinda das zonas mais altas, retendo os detritos e os carros que a água arrastara.



26 de novembro

Na região de Lisboa, os quartéis de bombeiros, hospitais, igrejas e alguns quartéis militares acolhem agora sobreviventes e mortos.

Cessam os gritos em Quintas. O dia desponta, a várzea é um mar de prata, formado pela água, a lama e o sol. É o acordar para a destruição causada pelas chuvas rápidas, que precipitaram em 5 horas um quinto da chuva de todo um ano.



7h30, uma infiltração de água no paiol de Pólvora em Linda-a-Velha resulta numa explosão que com o impacto destrói os vidros das casas e fábricas nas imediações.

A EXPLOÇÃO NO FORTE DO GARRASCAL

CERCA dos sete e meia de domingo, quando as águas e suas arremessadas se fizeram sentir nos arredores de Quintas, os habitantes de Quintas não tinham ideia de que estavam a viver o início de uma catástrofe que os levaria a abandonar a vila para sempre.

A explosão ocorreu no paiol de pólvora do Forte do Garrascal, em Linda-a-Velha. O impacto destruiu os vidros das casas e fábricas nas imediações. A explosão ocorreu no paiol de pólvora do Forte do Garrascal, em Linda-a-Velha. O impacto destruiu os vidros das casas e fábricas nas imediações.

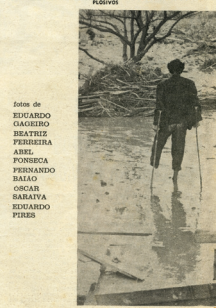


A EXPLOÇÃO NO FORTE DO GARRASCAL DESTRUÍU OS VIDROS DAS CASAS E FÁBRICAS NAS IMEDIAÇÕES.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL
A primeira mensagem a chegar a Lisboa, logo após a explosão, foi a de uma família de refugiados que se encontrava em Portugal, a família de José e Maria Aguiar, e João Paulo, de 14 anos, e Maria, de 12. A família estava em Portugal, a família de José e Maria Aguiar, e João Paulo, de 14 anos, e Maria, de 12.



OS PAISOS REFUGIADOS DE UMA FAMÍLIA, COM CASA A CHUVA SEMI-DESTRUIDA, SÃO PORTUGAL A PASSAR DA VILA DE LINDA-A-VELHA PARA LISBOA. A MÃE É MARIA, ANIMA, O PAI É JOSÉ, O MENOR É JOÃO PAULO, O MAIOR É JOSÉ.



SÓLOS DE REFUGIADOS: GABRIEL, BEATRIZ, FERREIRA, ABEU, FONSECA, FERNANDO, BALALO, OSCAR, SARAVATA, EDUARDO, PÍRES.

Comunicado à Imprensa informa que o Presidente da República, o Almirante Américo Tomás, está a par da situação e irá visitar os lugares mais atingidos.
Comunicado à Imprensa de Santos Júnior, Ministro do Interior, lamenta os trágicos acontecimentos, confirma 250 mortos e os concelhos de Loures, Vila Franca de Xira, Oeiras, Alenquer, Arruda dos Vinhos e Sintra, como os mais afetados.

27 de novembro

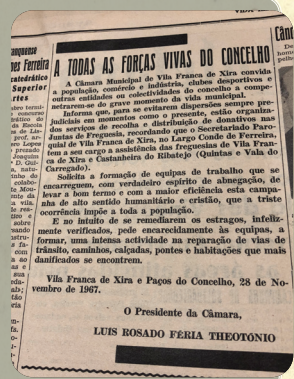
Manhã, pânico em Algés com a população a fugir para a praia com receio de nova explosão.
Américo Tomás acompanhado pelo Ministro do Interior e outras autoridades concelhias visita os concelhos mais afetados.
Despacho Ministerial, as Instituições de Previdência devem proceder à organização de processos referentes aos benefícios a conceder, são enviadas diretrizes aos diretores das Caixas de Comércio e Indústria para que organizem um sistema de apoio às vítimas.
Um representante da Juventude Universitária Católica (JUC) dirige-se à Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico no sentido de reunirem esforços no apoio à população.
Reunião das Associações de Estudantes Universitários de Lisboa.

Número oficial de mortos: 250.

28 de novembro

É efetuado um novo Conselho de Ministros presidido por António de Oliveira Salazar, para enumerar as medidas que estavam a ser tomadas pelos ministros.
O Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Luís Rosado Féria Theotónio, faz um pedido de ajuda à população.
15 brigadas móveis, com cerca de 60 estudantes universitários fazem o reconhecimento nas áreas afetadas.
Enterros coletivos em Vila Franca de Xira e Castanheira do Ribatejo.

Número oficial de mortos: 316.



29 de novembro

A Junta Central da Acção Católica Portuguesa em circular interna, apela à solidariedade, aponta a situação de miséria como elemento amplificador da calamidade e apela à reforma da sociedade para evitar a repetição dos acontecimentos.
Cerca de 400 estudantes universitários distribuem-se pelas zonas sinistradas auxiliando a população, a estes acrescem os estudantes liceais e os estudantes da faculdade de medicina que iniciam o auxílio médico aos sobreviventes montando hospitais de campanha e vacinação.
Enterros coletivos em Alverca.



Número oficial de mortos: 427.

30 de novembro

Discurso de Salazar na Biblioteca da Assembleia Nacional. Não menciona as cheias, nem decreta o luto nacional como pedido pelos órgãos de imprensa, o tema é a luta em África.
Cerca de 450 estudantes universitários auxiliam a população das zonas sinistradas.

Estudantes colaboram em todas as tarefas de socorro às vítimas das inundações

A aldeia das Cheias, a 8 quilómetros de Vila Franca de Xira, sofre atualmente de grande pobreza. Outros aspectos a primeira vista são a falta de saneamento e a falta de habitação adequada. Os sobreviventes da aldeia são vistos como seres miseráveis.

Entretanto, também nos outros locais onde a situação é mais crítica os estudantes estão a dar uma valiosa contribuição.

O movimento de solidariedade que espontaneamente surgiu entre a população de todo o País, tendo já em muitas localidades, dada a importância desta situação, tem vindo a dar-se com a maior brevidade possível.

MOVIMENTO DE SOLIDARIEDADE

Campanha em Camalhão — Os Bombeiros Voluntários de Vila Franca de Xira, com o apoio de outras instituições locais, estão a fazer das famílias que ficaram sem as suas habitações na zona de Vila Franca de Xira (4) e Loures, incluindo a zona da Pontalva (3) e Arruda dos Vinhos (1). Desta forma, o número de mortos sobe, até agora, para 411.

5 O Saint-Etienne

6 DUAR HORAR DE THARALSO

Aumentou para 441 o número de corpos até agora recolhidos

De acordo com as últimas informações da Câmara Municipal das zonas sinistradas, o número de corpos recolhidos até agora em Oeiras, Sintra, Sobral de Monte Algor e Alenquer, incluindo os corpos em Vila Franca de Xira (4), Loures, incluindo a zona da Pontalva (3) e Arruda dos Vinhos (1). Desta forma, o número de mortos sobe, até agora, para 441.

AJUDA ALEMÃ: 700 CONTOS

Finais de novembro

Novas rondas de visitas aos concelhos mais afetados por Américo Tomás e vários ministros.

1 de dezembro

Cerca de 1000 estudantes universitários auxiliam a população das zonas sinistradas.

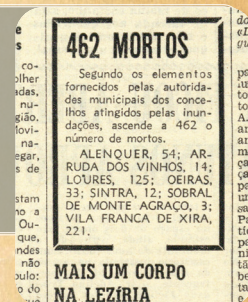
2 de dezembro

Cerca de 450 estudantes universitários auxiliam a população das zonas sinistradas.

5 de dezembro

Número oficial de mortos: 462.

Este será, por imposição do governo, o número de óbitos oficial e definitivo. Alenquer - 54; Arruda - 14; Loures - 125; Oeiras - 33; Sintra - 12; Sobral de Monte Agraço - 3; **Vila Franca de Xira - 221**

**9 de dezembro**

Os Ministros do Interior e da Economia apresentam separadamente balanços da tragédia e traçam planos de futuro, enviando para os jornais notas oficiosas.

É enterrado em Vila Franca de Xira o corpo de um desconhecido, vítima das cheias.

Número oficial de mortos: 462*.

16 de dezembro

É enterrada em Vila Franca de Xira mais uma vítima das cheias.

Número oficial de mortos: 462*.

|| 1968**4 de janeiro**

É sepultada em Vila Franca de Xira mais uma vítima das cheias.

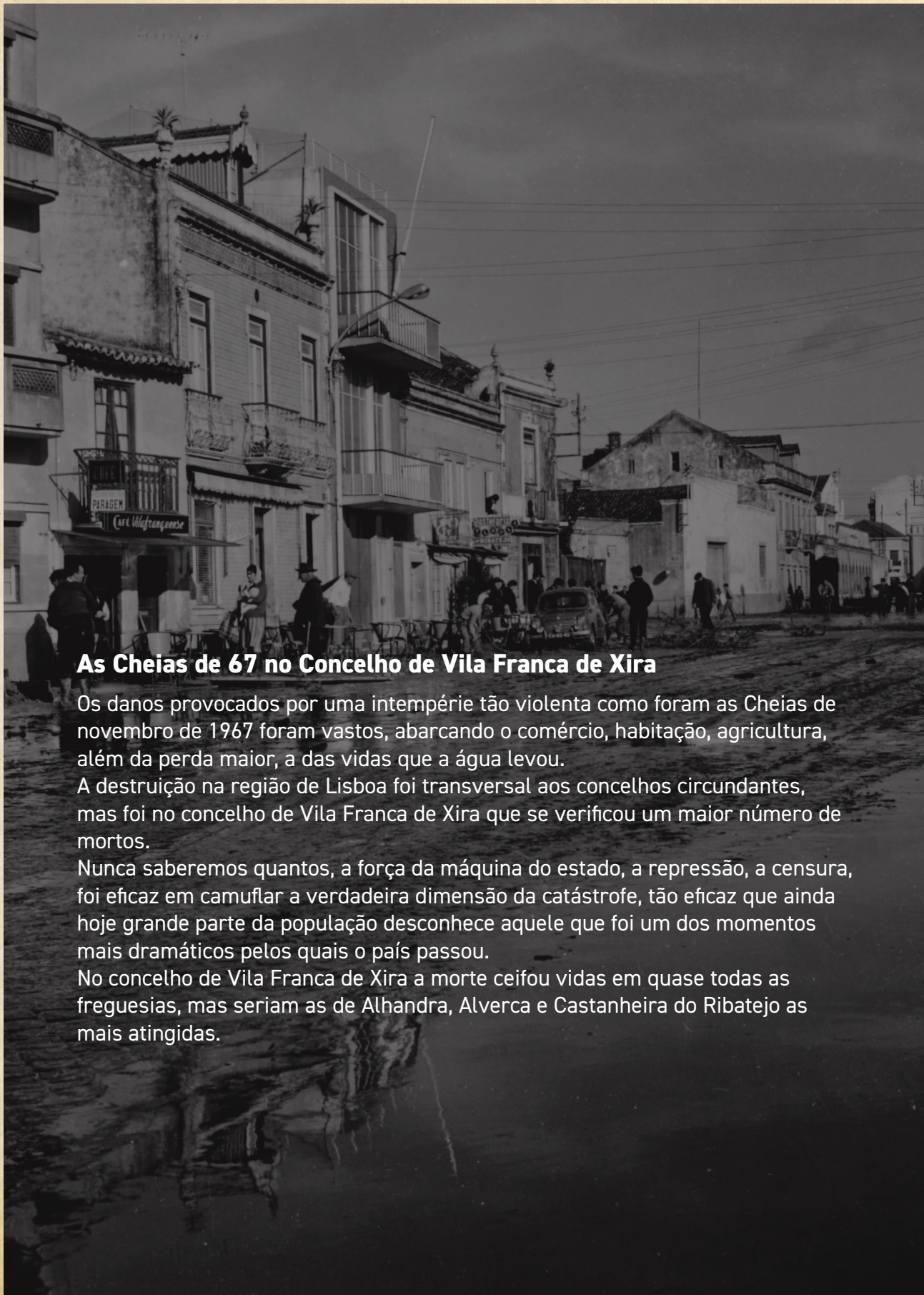
Número oficial de mortos: 462*.

1 fevereiro

É enterrado em Vila Franca de Xira o corpo de um desconhecido vítima das cheias.

Número oficial de mortos: 462*.

*Apesar de continuarem a aparecer corpos, o número oficial de mortos manteve-se inalterado.



As Cheias de 67 no Concelho de Vila Franca de Xira

Os danos provocados por uma intempérie tão violenta como foram as Cheias de novembro de 1967 foram vastos, abarcando o comércio, habitação, agricultura, além da perda maior, a das vidas que a água levou.

A destruição na região de Lisboa foi transversal aos concelhos circundantes, mas foi no concelho de Vila Franca de Xira que se verificou um maior número de mortos.

Nunca saberemos quantos, a força da máquina do estado, a repressão, a censura, foi eficaz em camuflar a verdadeira dimensão da catástrofe, tão eficaz que ainda hoje grande parte da população desconhece aquele que foi um dos momentos mais dramáticos pelos quais o país passou.

No concelho de Vila Franca de Xira a morte ceifou vidas em quase todas as freguesias, mas seriam as de Alhandra, Alverca e Castanheira do Ribatejo as mais atingidas.

Alverca do Ribatejo

Ainda a noite começara e já tocava a sirene dos bombeiros de Alverca. Correndo pelas escadas junto à corporação, um jovem bombeiro de 14 anos encontrou a morte ao pisar um fio descarnado. Esta foi apenas uma das vítimas mortais de uma enchente que rapidamente inundou as casas das zonas mais baixas de Alverca, ceifando as vidas dos seus habitantes.

A água rebentou muros, libertando os grandes barris de azeitona da Quinta do Galvão pela vila e inundando as Oficinas Gerais de Material Aeronáutico (OGMA), espalhando pelo seu interior corpos de animais mortos, árvores e tudo o que arrancara à sua passagem.

As cheias de 67 vieram ditar também o fim de um dos produtos icónicos da região, o Queijo de Alverca, quando os pastos foram destruídos e os rebanhos mortos pela água.



6

[6] Lisbon Flood Disaster

A Calamidade das Cheias de Lisboa

Terence Spencer

Alverca, novembro de 1967

Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira



7

[7] [8] Inundações na OGMA

Alverca, novembro 1967

Col. OGMA



8

Alhandra

Em Alhandra, as cheias vieram de duas frentes, a do rio a que as suas gentes já estavam habituadas, mas desta vez também das encostas.

Um comboio de mercadorias parado junto à vila estancou parte da lama e dos detritos que a mesma arrastara, nele ficaram presos vários carros como se fossem brinquedos atirados para o lado.

Nas zonas mais baixas as águas subiram até ao primeiro andar, quem conseguiu fugir a tempo via no escuro os carros vagando pelas ruas.

Foi a população quem fez o primeiro socorro, o pequeno Hospital da Misericórdia tornou-se o centro no qual se reuniam as forças. Mais tarde vieram os estudantes e alguns membros da Legião Portuguesa e soldados que ajudaram na limpeza das ruas.



[9] Inundações junto à linha de caminho de ferro

Domingos Queiroz

Alhandra, novembro de 1967

Col. Museu de Alhandra - Casa Dr. Sousa Martins



[10] Inundações na Rua Duque da Terceira, "Café Ritejo"

Alhandra, novembro 1967

Col. Museu de Alhandra - Casa Dr. Sousa Martins



[11] Inundações junto à linha de caminho de ferro

Alhandra, novembro de 1967

Col. Museu de Alhandra - Casa Dr. Sousa Martins

Vila Franca de Xira

A água inundou também a sede do concelho. As margens do Tejo que habitualmente lambiam as casas ribeirinhas a cada maré alta, galgaram a margem e aliadas à chuva inundaram as ruas, formando rios dentro da cidade.

Ao bairro dos avieiros em Vila Franca chegaram os destroços de construções abarracadas, fragmentos das casas que a água destruiu.

Mas se as cheias espalharam a morte pelo concelho, semearam também a solidariedade. Fossem por vontade própria ou organizados, vários grupos de populares partiram para o apoio ao próximo. Recrutados pelo Padre Vasco Moniz, foram ainda organizados grupos de voluntários que em articulação com o Gabinete da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira faziam o apoio às vítimas e a recolha dos corpos.

Foram recolhidos donativos, dinheiro, roupa, alimentos, e alguns desalojados encontraram abrigo na Escola João de Deus, onde receberam cuidados médicos, roupa, comida e um teto.



[12] Trabalhos de limpeza na Rua Serpa Pinto, após as cheias

Carlos Tomé

Vila Franca de Xira, 26 de novembro de 1967

Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira



13

[13] Trabalhos de limpeza na Rua Serpa Pinto, após as cheias

Carlos Tomé

Vila Franca de Xira, 26 de novembro de 1967

Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira



14

[14] Trabalhos de limpeza e remoção de lamas na Rua Almirante Cândido dos Reis

Carlos Tomé

Vila Franca de Xira, 26 de novembro de 1967

Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Quintas

Naquela noite

Houve quem fugisse a tempo.

Houve quem ouvisse os gritos dos seus e não pudesse fazer nada.

Houve quem andasse de candeia na mão no escuro, às voltas, mas tivesse de esperar pela manhã.

Houve quem fugisse por telhados.

Houve quem esperasse nas árvores, agarrados a algo no escuro, molhados, desesperados, esperando que a madrugada trouxesse o dia.

Houve aqueles que a água engoliu, aqueles que a água levou, aqueles que em vão tentaram achar a saída e deixaram as suas mãos marcadas a lama e a desespero nas paredes das casas. Houve aqueles que de manhã procuraram os seus no lodo, aqueles a quem a noite e a lama roubaram as suas vidas e aqueles a quem a vida nunca mais foi igual.

Quintas, nunca mais foi igual.

Veio a manhã e veio o silêncio, veio a dor, e a dor teve de ser silenciada à força.

Em Quintas o luto foi abafado, famílias inteiras foram despedaçadas pelas cheias na calada da noite e calados tiveram de fazer o seu luto.

Mas a memória do que aconteceu não morre, a lembrança dessa noite é transmitida de pai para filho, de mãe para filha.

Os seus mortos não morreram naquela noite, vivem para sempre nas suas vidas e para sempre serão recordados.

QUINTAS: ONDE A MORTE VENCEU A VIDA

**UMA ALDEIA-MÁRTIR
NO RIBATEJO**

RECOLHIDOS 83 CORPOS

DE MULHERES, HOMENS E CRIANÇAS



15



16

[15] [16] Lisbon Flood Disaster

A Calamidade das Cheias de Lisboa

Terence Spencer

Quintas, novembro de 1967

Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira



[17] Lisbon Flood Disaster
A Calamidade das Cheias de Lisboa
Terence Spencer
Quintas, novembro de 1967
Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Depois disto o que é preciso fazer?

Acudir aos vivos e enterrar os mortos, e assim foi o que se fez.



[18] [19] Lisbon Flood Disaster

A Calamidade das Cheias de Lisboa.

Funeral de uma jovem que morreu nas cheias, a dias de se casar.

As suas amigas reuniram dinheiro e compraram-lhe um vestido de noiva com o qual foi enterrada.

Terence Spencer

Novembro de 1967

Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira

No dia 26 a destruição estava espalhada pelo concelho.

Agora era a altura de socorrer os vivos e de procurar os corpos que tinham sido levados pelas águas. Era a altura de limpar as ruas, de acudir aos necessitados, de enterrar os mortos.

Aos poucos, os corpos foram sendo resgatados e levados para a Igreja da Misericórdia em Vila Franca de Xira, para o hospital da cidade e para o cemitério.

Carrinhas cheias de cadáveres enlameados que eram limpos à mangueira para tirar a lama que se agarrara à pele e à roupa. Aos poucos descobriam-se os rostos a tempo para as famílias os reconhecerem.

Dias depois foram os funerais coletivos, distribuídos pelos vários cemitérios do concelho, pela incapacidade de enterrar tantos mortos ao mesmo tempo. Em Alverca, as ruas do cemitério, foram abertas para valas, pois já não havia espaço para campas.

Sabe-se que o Movimento Nacional Feminino esteve em Quintas, e que, embora inicialmente mal recebido, também ele recolheu fundos para pagar parte dos funerais.



[20] Lisbon Flood Disaster

A Calamidade das Cheias de Lisboa.

Terence Spencer

Novembro de 1967

Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Em Vila Franca de Xira foram recolhidos fundos, foram efetuadas corridas de toiros e espetáculos musicais, procurando recolher fundos para o apoio às vítimas das cheias.

Depois veio o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, que em parceria com o Estado e a Câmara de Vila Franca de Xira construíram os chamados Bairros Gulbenkian para os desalojados das cheias.



21

[21] Visita ao concelho de Vila Franca de Xira

O Ministro das Obras Públicas Eng. Machado Vaz e o Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian Dr. José Azeredo Perdigão, visitam o concelho no âmbito da construção dos bairros para os desalojados das inundações ocorridas em novembro de 1967.

Ambos observam uma planta, o grupo inclui o Presidente da Câmara de Vila Franca de Xira, Luís Rosado Féria Theotónio. 1968, s.a.

Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira

As Reações

Após a noite de 25 havia uma enorme área onde as chuvas haviam espalhado o caos. Era tempo de reagir, de ajudar os vivos, enterrar os mortos e de apoiar, organizar, reconstruir.

A morosidade do Estado em reagir perante a condição em que a Grande Lisboa havia ficado gerou diversas reações. Da sociedade civil veio o primeiro auxílio, as pessoas que ajudaram o seu vizinho, o seu próximo.

Os bombeiros foram incansáveis, apesar de muitos terem perdido os meios de intervenção que dispunham, foram eles a força primeira e fundamental no auxílio à população, mesmo quando as primeiras equipas de populares e estudantes chegaram ao terreno, eram eles quem muitas vezes indicavam quem e onde ajudar.

Mas houve muitas outras mãos que ajudaram, algumas perdeu-se a noção. No meio da aflição não se vê de onde vem a ajuda, apenas o sofrimento de se ter sobrevivido a um inferno.

Sabe-se que a Indústria da zona disponibilizou os seus funcionários para o auxílio, que os marinheiros da Escola Nº 1 da Marinha, em Vila Franca de Xira ajudaram, bem como os fuzileiros e vários voluntários da Base Aérea de Ota, sem ordem oficial do Governo.



22

[22] Hospital da Misericórdia de Alhandra, à direita, Baptista Pereira

Domingos Queiroz

Alhandra, novembro de 1967

Col. Diário Queiroz

Serviços prestados pela Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vila Franca de Xira, na noite de 25 de Novembro, durante as grandes inundações

A Legião Portuguesa, a Mocidade Portuguesa e estudantes, têm acompanhado os Bombeiros, a G. N. R., a P. S. P., a P. V. T. e os civis, entre os quais o funcionalismo público e muitas senhoras, nas tarefas de socorro às vítimas das inundações

Vida Ribatejana Nº 2559

16 de dezembro de 1967

Col. Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira

A 30 de novembro de 1967, dias após a tragédia que havia assolado Portugal, Salazar profere um discurso na Biblioteca da Assembleia Nacional.

Era aguardada uma reação do Presidente do Conselho de Ministros às inundações e vários órgãos de imprensa haviam pedido o Luto Nacional.

Salazar remete-se ao silêncio. O tema do discurso é a Guerra Colonial, em momento algum profere uma única palavra, sobre as centenas de mortos, as casas destruídas ou os avultados prejuízos sofridos na área da Grande Lisboa.

Depois

Depois vieram as forças oficiais, a Guarda Nacional Republicana, mais preparada para o controlo de massas, do que para o auxílio a uma calamidade, para a qual no fundo ninguém estava preparado.

Mas a proteção civil não existia, a noção de uma ajuda obrigatória e pronta da parte de um estado social que protege os seus.

Lentamente foram surgindo entidades, como a Legião Portuguesa, os cadetes da Escola Militar, e mesmo o Movimento Nacional Feminino, cujas senhoras da alta sociedade, muito perto da máquina fascista, vieram prestar o auxílio em Quintas, onde inicialmente foram mal recebidas, e depois toleradas.

Veio também a repressão, o medo de expressar a revolta que sentiam, gritar em silêncio, num choro mudo, que não atraísse o olhar da PIDE.



23

[23] Reunião com o Ministro do Interior, Santos Júnior e vários comerciantes de Alhandra

Domingos Queiroz
Hospital da Misericórdia de Alhandra,
Alhandra, novembro de 1967
Col. Dário Queiroz

Avante Nº 386
Dezembro de 1967
Col. Fundação Mário Soares

A CATÁSTROFE DE 25 DE NOVEMBRO É UM GRITO DE ACUSAÇÃO CONTRA O GOVERNO FASCISTA E A SUA POLÍTICA DE MISÉRIA

Quinhentos mortos, povoações inteiras arrasadas, haveres e gados levados pelas chelas, milhares de operários e camponeses sem abrigo, campos devastados e culturas destruídas, localidades sem pão, sem água e sem luz, milhares de trabalhadores desempregados.

Salazar não teve sequer uma palavra para as vítimas da catástrofe

Acusamos o governo fascista deste novo crime

22

O Apoio Estudantil

Uma das grandes forças de apoio que surgiu com as inundações de 67 foi a força estudantil. Para o terreno partiram não apenas os estudantes universitários, mas também os de liceu, como os alunos do Liceu Camões em Lisboa ou da Escola Alemã.

Tudo começa quando alguns estudantes da Juventude Universitária Católica (JUC) se dirigem à Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico (IST). Habitados a efetuar voluntariado, estes, têm a noção de que seria necessária uma força maior de auxílio à população.

Na manhã de 27 vão ao IST onde propõem uma união de forças, e no mesmo dia, realiza-se a reunião das Associações de Estudantes Universitários de Lisboa. A 28 partem as primeiras brigadas móveis para avaliar os danos e medidas a serem tomadas.

A Faculdade de Medicina foi a primeira a montar autênticos hospitais de campanha, efetuando os primeiros socorros à população, e a indispensável vacinação da mesma.

À época os estudantes universitários provinham na sua grande maioria de meios mais abastados, não tinham noção de como era o país real, nem as dificuldades que eram sentidas por uma grande parte da população portuguesa.

O seu apoio foi fundamental, mas não apenas para aqueles a quem ajudavam.

De um momento para o outro, os estudantes foram confrontados com uma realidade duríssima, com a morte, a pobreza, a dor e a lama, tudo de uma vez.

Esse murro no estômago, iria mudar muitos deles, criar uma revolta e uma vontade de mudança, que daria os seus frutos poucos anos mais tarde, a 25 de abril de 1974.

Os estudantes querem colaborar no movimento de assistência aos sinistrados

No sentido de colaborarem no auxílio às vítimas, um grupo de estudantes fez circular nos vários estabelecimentos de ensino uma comunicação com o seguinte teor: «É urgente! Não vimos trazer-te notícias porque já as ouviste. Vimos informar-te que podes ser útil. Os teus braços, a tua imaginação, o teu dinheiro são vitais para quem não tem tecto nem roupa para se agasalhar.

Perto de ti casas para desentupar. São necessários mantimentos para a população. A assistência nos locais mais sinistrados é urgente. POR ISSO: estão organizados petições, em Dinheiro, em Géneros, em Roupa.

POR ISSO: estão a organizar-se brigadas de jovens para trabalho. Precisam de ti, dirige-te aos responsáveis do teu liceu, ou comunica directamente com o telefone 534421.

Informa 534421 de tudo o que quiseres dar mas que não possas transportar.

Responsáveis em cada liceu: CAMOES: *Palhinha (7.º E)*; D. LEONOR: *Luisa Teotónio Pereira (6.º ano)*; D. JOÃO DE CASTRO: *(Imanã)*, *José Rodrigues Antunes (30.º-7.º H)*; (tarde) Santos de Almeida (24.º-6.º G); D. FILIPA: *dirige-te a quem estiver indicado no cartaz*; MARIA AMÁLIA: *Teresa Vaz Pinto (7.º ano)*; FÁSSOS MANUEL: *a quem estiver indicado no cartaz*; PEDRO NUNES: *Mary (7.º ano)*; COLEGIO MODERNO: *Brilo Actó.*

Diário de Lisboa

27 de novembro de 1967
Col. Hemeroteca Municipal de Lisboa

OS ESTUDANTES DE MEDICINA
TÊM REALIZADO NOTÁVEL TRABALHO DE VACINAÇÃO E RASTREIO SANITÁRIO
DAS POPULAÇÕES SINISTRADAS

Diário de Notícias

27 de novembro de 1967
Col. Museu de Alhandra - Casa Dr. Sousa Martins

Estudantes colaboram em todas as tarefas de socorro às vítimas das inundações

A aldeia das Quintas, a 8 quilómetros de Vila Franca de Xira, sofre atualmente da grande peste de trabalhos, incluindo os mais duros e pesados, que são as operações de remoção de entulhos e de limpeza da povoação, mas, entretanto, também os sobreviventes não sabem como agir.

Entretanto, também nos outros locais mais atingidos pelo catastrófico episódio, os estudantes saíram a dar uma valiosa e significativa ajuda, que ultrapassava as tarefas assistenciais, e desde as vacinações até toda a assistência.

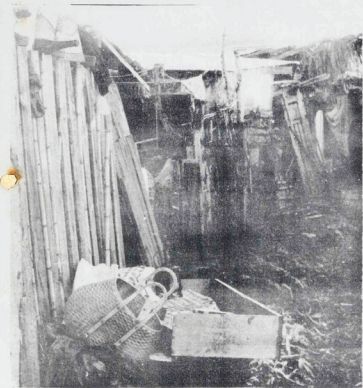
Diário de Lisboa

30 de novembro de 1967
Col. Hemeroteca Municipal de Lisboa

SOLIDARIEDADE ESTUDANTIL

2

SÓ CHUVA ?



● Monte Estoril: o local onde caiu mais chuva e onde houve menos prejuízos

O estado do tempo caracterizou-se principalmente pela escassa quantidade de precipitação observada, a partir da tarde de dia 27. A água só apareceu em quantidade de precipitação em 28 horas, iniciando a partir das 18 horas de dia 27, em diferentes locais de observação:

Monte Estoril - 134,2 m.m.
S. João de Tojal - 111,9 m.m.
Estado Geofísico de Lisboa (limite de precipitação) - 106,1 m.m.
Instituto Geofísico Infante D. Luís (com Lisboa) - Jardim Botânico - 89,2 m.m.
Estação do Mar - 81,9 m.m.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS
8-12-1967

scip
secretariado coordenador da informação e propaganda

Solidariedade Estudantil, nº 2

Secretariado coordenador da informação e propaganda (SCIP)
Col. António Redol

Censura

Numa altura em que a informação não fluía ao ritmo que conhecemos atualmente, a mesma corria de boca em boca e pela comunicação social.

Nos dias imediatamente a seguir aos acontecimentos, a Imprensa revelou o choque perante a tragédia, mas sob a prévia supervisão dos Serviços Censórios.

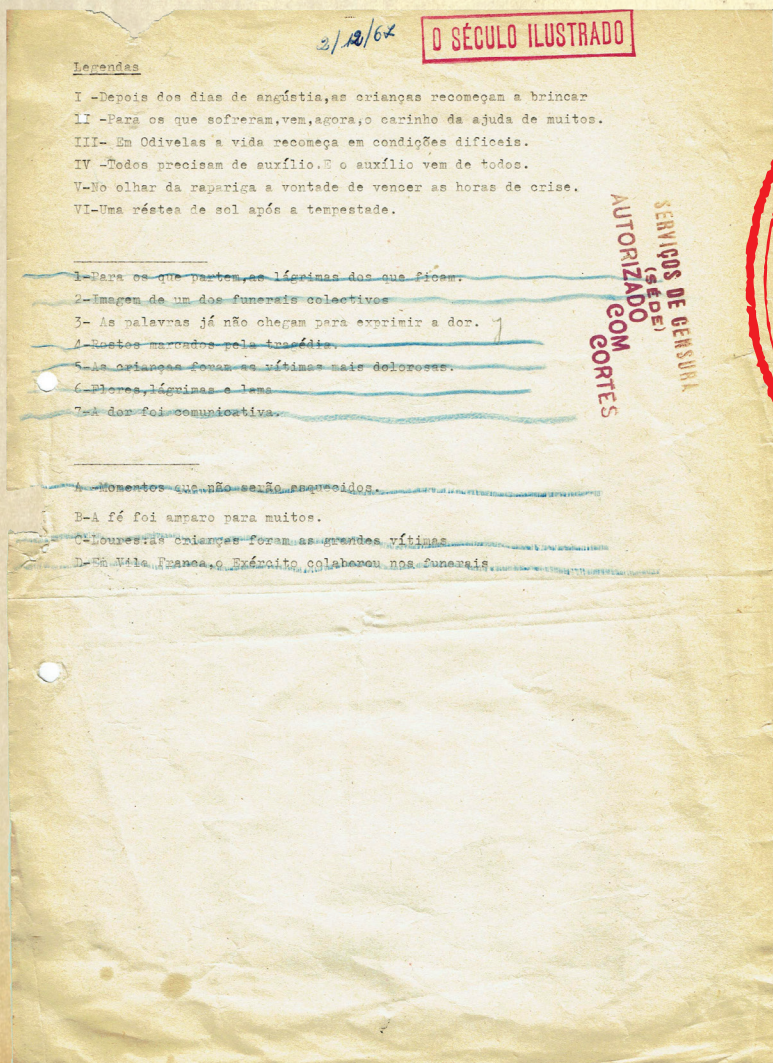
A censura foi usada pelo Estado Novo como instrumento político, transformando-se numa espécie de "Lei do Silêncio", numa máquina poderosa de silenciamento da informação.

Os Serviços Censórios acabaram por ocultar a realidade portuguesa, impondo uma imagem oficial do país e dos portugueses bem diferente da verdadeira.

No que concerne às cheias, a Censura não tentou apagar o que havia acontecido, as suas nuances foram mais subtis, as centenas eram transformadas em dezenas, não se apagavam os acontecimentos, mas reduzia-se a sua dimensão.

Foram retidas para os jornais indicações que proibiam de falar no mau cheiro dos cadáveres, eram cortadas menções às ações beneméritas dos estudantes e às imagens de urnas.

Foram reduzidos os títulos das notícias e mês e meio depois das cheias, o tema já não vinha nos jornais.



Século Ilustrado

Legendas

Cortes de Censura do "Século Ilustrado"

Cortada pela censura 2/12/67

Col. Arquivo Histórico da Torre do Tombo

Século Ilustrado — António

SÉCULO ILUSTRADO N.º 1561
A sair em 2-12-1967
Enviado à Censura em 29-11-1967

1) A IMAGEM PARECE TIRADA DE UM FILME DE FICÇÃO, MAS, NA REALIDADE, FOI OBTIDA PELA NOSSA EQUIPA DE REPORTAGEM, EM UM PLENO BAIRRO DE CAMPOLIDE — NO MOMENTO MAIS ALTO DAS CHEIAS, QUANDO SE TORNOU IMPERIOSA A ENTRADA EM ACÇÃO DE HOMENS-RAS DO B. S. B.

2) A TRAFARIA TAMBÉM SOFREU OS EFEITOS DO TEMPORAL. NOS VALES DOS MONTES DA RAPOSEIRA E DE MURFACEM, FORMOU-SE UM RIO IMPETUOSO QUE TUDO ARRASOU. A IMAGEM MOSTRA UMA CASA SEMIDESTRUÍDA QUE OS BOMBEIROS AJUDAM A APEAR, COM RECEIO DA DERROCADADA.

3) QUINTAS ACORDOU ASSIM, DESOLADA, APÓS A NOITE DE PAVOR.

4) OS PARCOS HAVERES DE UMA FAMÍLIA, CUJA CASA A CHUVA SEMIDESTRUIU, SÃO POSTOS A SALVO, NA RUA. UMA CRIANÇA CHORA. A MÃE BEIJA-A ANIMA-A. QUE SERÁ FEITO DELES, ONDE ESTARÃO A HABITAR?

5) A PONTE DE CARENQUE FICOU ASSIM, APÓS A PASSAGEM DA ENXURRADA.

6) ASPECTO DO INCÊNDIO QUE SE SEGUIU À EXPLOSAO, CUJAS CAUSAS SE ATRIBUÍRAM A REACÇÃO QUÍMICA DA ÁGUA SOBRE OS EXPLOSIVOS.

7) A EXPLOSAO DO PAIOL DO FORTE DO CARRASCAL FEZ DESABAR AS CASAS QUE SE SITUAVAM PERTO.

8) OS TRANSPORTES FERROVIÁRIOS FORAM GRAVEMENTE AFECTADOS. A RECONSTRUÇÃO DAS LINHAS E DA SINALIZAÇÃO LEVOU DIAS.

9) NOS ROSTOS AINDA TEM ESTAMPADA A ANGSTIA VIDA DURANTE A TERRÍVEL NOITE. O TEMPORAL FERIU BRUTALMENTE A INOCÊNCIA FELIZ DESTAS CRIANÇAS: ROUBOU-LHES A CASA, DEU-LHES A CONHECER O PAVOR, PO-LAS PERANTE A MORTE, NASCIDO O SOL, TOMAM BEBIDAS QUENTES. RETEMPERAM-SE, MAS JÁ MAIS VOLTARÃO A SER COMO FORAM, QUE TRAGEDIA COMO A QUE VIVERAM DEIXA MARCA.

CORTADO
(SEBE)
CENSURA

Século Ilustrado N.º 1561

A sair em 2-12-1967

Enviado à Censura em 29-11-1967

Cortes de Censura do "Século Ilustrado"

Col. Arquivo Histórico da Torre do Tombo



Cortada pela Censura em 2/12/67

O SÉCULO ILUSTRADO

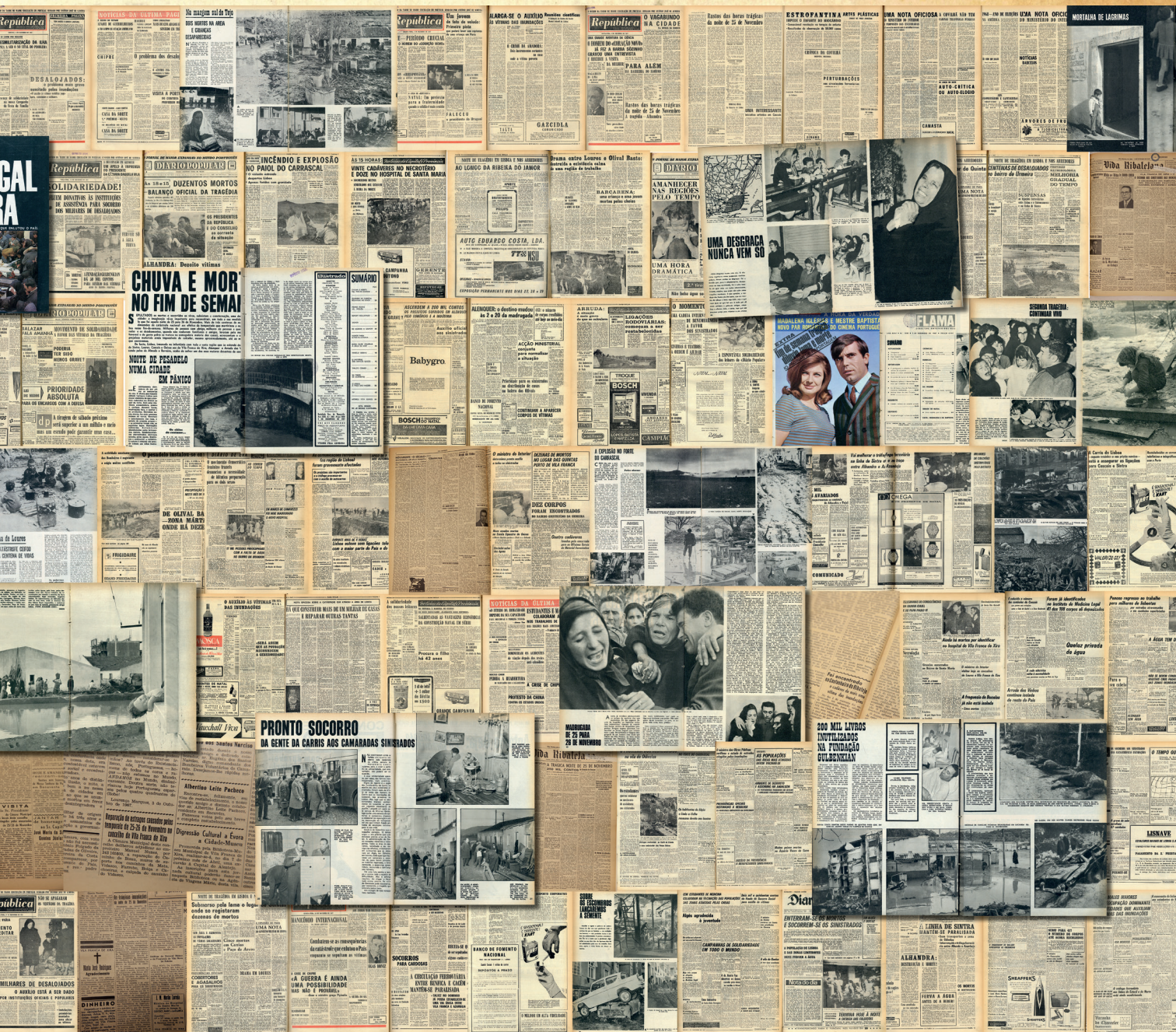
Funeral de uma criança vítima do temporal de 25 para 26 de novembro de 1967

Cortes de Censura do "Século Ilustrado"

Cortada pela censura 2/12/67

Col. Arquivo Histórico da Torre do Tombo







Factos

As Cheias de 1967 foram um dos maiores desastres naturais que assolaram Portugal.

Estima-se que mais de 700 pessoas tenham perdido a vida nas inundações de 67.

No Instituto Nacional de Medicina Legal nunca antes tinham dado entrada tantos cadáveres em tão pouco tempo.

Mais de 20 mil casas foram destruídas pelas cheias.

Os prejuízos terão atingido 3 milhões de dólares à época, na atualidade seriam muitos milhões de euros.

Vila Franca de Xira, Alenquer, Lisboa, Loures e Odivelas, foram os concelhos mais afetados.

Vila Franca de Xira foi o concelho onde morreram mais pessoas.

Em Quintas, a "Aldeia Mártir", morreram cerca de dois terços da sua população.

A verdadeira dimensão das cheias foi abafada pelo regime e pelo seu serviço de censura.

A informação que revelasse a falta de reação imediata do Estado perante a calamidade era censurada.

Foram expulsos jornalistas estrangeiros e presos estudantes.

O Regime valorizou a mensagem de vitória do homem sobre a natureza, preterindo a razão pela qual acontecera a desgraça.

O branqueamento das cheias perdurou até aos nossos dias.

Muitos portugueses não sabem o que aconteceu e os números oficiais continuam a ser os que o Estado Novo impôs a 5 de dezembro de 1967, apesar de meses depois ainda serem encontrados corpos.

As grandes vítimas das cheias foram os mais pobres, os que viviam em casas modestas e em barracas construídas em leitos de cheia.

Os sítios onde choveu mais, Sassoeiros (170 mm) e Estoril (158 mm) foram os locais onde o temporal causou menores danos, materiais e humanos.

Vários fatores contribuíram para a dimensão das inundações de 1967:

- Um fenómeno meteorológico extremo coincidiu com uma maré alta de cerca de 4 metros.
- Chuvas rápidas ocorreram durante a noite, ao abrigo da escuridão, apanhando muitos durante o sono.
- Um mau planeamento do território, com casas construídas no leito dos rios e uma impermeabilização dos terrenos que aumentou a velocidade das águas pluviais.



[24] Lisbon Flood Disaster
A Calamidade das Cheias de Lisboa.
Terence Spencer
Quintas, novembro de 1967
Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira

E se fosse hoje?

Existe hoje uma maior consciência do impacto do homem no seu meio ambiente?

Existe um melhor planeamento do território?

Os mais pobres não continuam a ser os que estão mais sujeitos às mudanças climáticas e aos seus nefastos efeitos?

Segundo a ONU a cada semana ocorre um desastre natural.

Os desastres climáticos têm um impacto de cerca de 520 000 milhões de dólares por ano.

O aquecimento global, provocado pela ação humana está ligado ao aumento das catástrofes naturais como secas, inundações, tempestades, ciclones e incêndios.

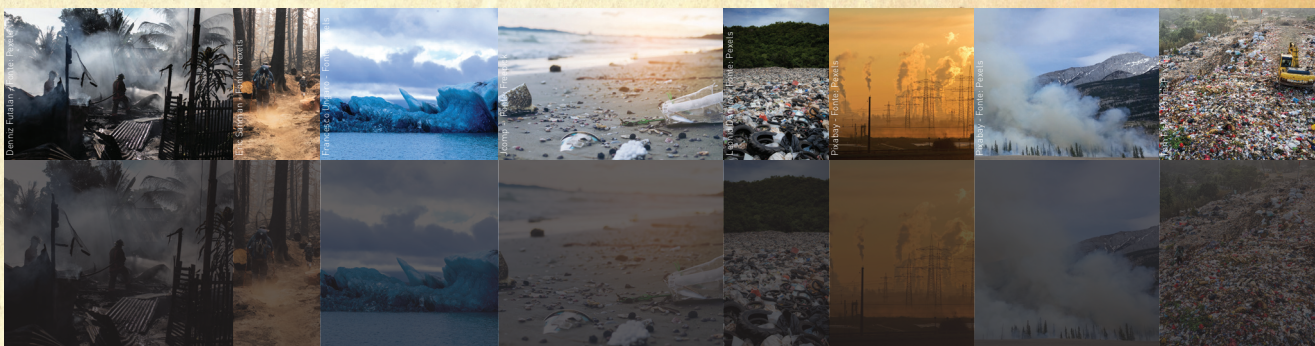
Estima-se que até 2050 o clima extremo possa gerar 140 milhões de migrantes climáticos.

Existe possibilidade de evitar que uma nova catástrofe tenha um impacto tão elevado como foram os das Cheias de 67 ou os fogos de Pedrogão em 2017.

Está nas nossas mãos prevenir, planear e modificar a nossa postura para com um ambiente do qual depende a nossa sobrevivência.

“A natureza está zangada. E não se pode brincar com a natureza, porque ela devolve o golpe.”

António Guterres
Secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU)



**“Nós sabemos o que é preciso fazer.
E nós até sabemos como o fazer.
Não há mais tempo a perder.”**

António Guterres
Secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU)

Ficha técnica - Exposição

Organização

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Presidente Alberto Mesquita

Pelouro da Cultura

Vereadora Manuela Ralha

Curadoria

Joaquim Letria

Coordenação Geral

Departamento de Cultura e Turismo
Div. de Cultura, Museus e Património
Histórico
Museu Municipal de Vila Franca

Assistência de Curadoria

Idalina Mesquita
Inês Rodrigues

Investigação

Adelaide Cruz
Diogo Paz
Idalina Mesquita
Inês Rodrigues
José Araújo
Mónica Alves

Seleção e Organização documental

Diogo Paz
Idalina Mesquita
Inês Rodrigues

Design de Projeto Expositivo

Divisão de Comunicação e Imagem
Dulce Munhoz

Produção e Planeamento

Div. de Cultura, Museus e Património
Histórico
Museu Municipal de Vila Franca de Xira
Idalina Mesquita
Inês Rodrigues
Joana Almeida
João Pereira
Nelson Gonçalves

Logística

Departamento de Cultura e Turismo
Clara Silva
Vanda Arsénio
Div. de Cultura, Museus e Património
Histórico
Célia Silva
Idalina Mesquita
Inês Rodrigues
Joana Matos
Nuno Dionísio
Patrícia Varela
Divisão de Gestão Financeira
António Domingos
Elisabete do Carmo
Mário Reis

Museografia

Div. de Cultura, Museus e Património
Histórico
Museu Municipal de Vila Franca de Xira
Diogo Paz
Idalina Mesquita
Inês Rodrigues
João Pereira
Nelson Gonçalves

Infraestrutura Tecnológica

Div. de Infraestrutura Tecnológica
Clemente Rocha
Ricardo Gomes

Tradução

Div. de Cultura, Museus e Património
Histórico
Museu Municipal de Vila Franca de Xira
Inês Rodrigues

Montagem Expositiva

Div. de Cultura, Museus e Património
Histórico
Museu Municipal de Vila Franca de Xira
Diogo Paz
Idalina Mesquita
Inês Rodrigues
João Pereira
Nelson Gonçalves

Departamento de Obras, Viaturas e

Infraestruturas
Div. de Oficinas Municipais
António Costa
David Costa
Gilberto Martins
Guilherme Rómulo
José António Luís
José António Travassos
José Machado
Manuel Ferreira
Mário Silva
Paulo Rocha
Pedro Nunes
Simiono
Vitalino Lopes

Produção Gráfica

Divisão de Comunicação e Imagem
Miguel Oliveira
Nuno Aleixo

Cedência de Imagens e Documentos

Abílio Vieira
Agência Portuguesa do Ambiente
António Mota Redol
Arquivo Rádio e Televisão de Portugal
Arquivo Municipal de Vila Franca de Xira
Arquivo Histórico da Cruz Vermelha
Portuguesa
Arquivo Histórico da Torre do Tombo
Aureolina Rodrigues
Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira
British Pathé
Cáritas Diocesana de Lisboa
Centro de Documentação 25 de abril
da Universidade de Coimbra
Centro de Informação Geoespacial do
Exército
Dário Queiroz
Diamantino Ferreira da Costa
Divisão de História e Cultura da Guarda
Nacional Republicana
Fundação Calouste Gulbenkian
Fundação Mário Soares
Hemeroteca Municipal de Lisboa
Hospital Civil e Misericórdia de Alhandra
Instituto Português do Mar e da Atmosfera
(IPMA)
Joaquim Moreira Vicente
José Canha
Liceu Camões

Luísa Fajardo
Museu de Alhandra - Casa Dr. Sousa
Martins
Núcleo Museológico de Alverca
OGMA - Indústria Aeronáutica de Portugal
Rádio e Televisão de Portugal
Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca
de Xira
TSF
União de Freguesias de Castanheira
do Ribatejo e Cachoeiras
Valor Local

Créditos Fotográficos

Carlos Tomé
Domingos Queiroz
Eduardo Gageiro
Nelson Gonçalves
Terence Spencer

Créditos Cinematográficos

British Pathé
Danilo Matos
João Machado
Nelson Gonçalves
Rádio e Televisão de Portugal
Valor Local

Podcasts

Cláudia Arsénio/TSF
Marco António e Lucy Pepper
Histórias de Portugal de Saudade e de
Outras Coisas

Serviço Educativo

Div. de Cultura, Museus e Património
Histórico
Museu Municipal de Vila Franca de Xira
Ana Serra
Margarida Casaleiro
Nuno Dionísio
Paulo Silva
Susana Neto
Tânia Cravo

Comunicação

Divisão de Comunicação e Imagem
Milene Monteiro

Agradecimentos

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
e o Curador da exposição agradecem
particularmente a:
Ana Loureiro
Cara Spencer / Terence Spencer Photo
Archive
Luísa Fajardo
Marco de Jesus
Marina Ramos
Silvestre Lacerda

Agradecem igualmente a todas as pessoas
que deram o seu testemunho, partilharam
connosco a sua história e a todos os que
tornaram possível esta exposição.

Ficha técnica - Jornal

Edição

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Presidente Alberto Mesquita

Pelouro da Cultura

Vereadora Manuela Ralha

Curadoria

Joaquim Letria

Coordenação Geral

Departamento de Cultura e Turismo
Div. de Cultura, Museus e Património
Histórico
Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Coordenação Editorial

Div. de Cultura, Museus e Património
Histórico
Museu Municipal de Vila Franca de Xira
Idalina Mesquita
Inês Rodrigues

Seleção e Organização Documental

Museu Municipal de Vila Franca de Xira
Idalina Mesquita
Inês Rodrigues

Design Gráfico e Paginação

Divisão de Comunicação e Imagem
Dulce Munhoz

Digitalização de Imagem

Museu Municipal de Vila Franca de Xira
Joana Almeida

Tratamento de Imagem

Museu Municipal de Vila Franca de Xira
Nelson Gonçalves

Créditos Fotográficos

Carlos Tomé
Domingos Queiroz
Terence Spencer
OGMA - Indústria Aeronáutica de Portugal

Revisão de Textos

Museu Municipal de Vila Franca de Xira
Diogo Paz
Idalina Mesquita
Inês Rodrigues
João Pereira
Mónica Alves

Impressão

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Tiragem

3000 exemplares

Distribuição gratuita

Agradecimentos

António Mota Redol
Arquivo Municipal de Vila Franca de Xira
Cara Spencer / Terence Spencer Photo
Archive
Carla Coelho
Eduardo Gageiro
Garrett Audiovisuais
Marco Jesus
Silvestre Lacerda

ORGANIZAÇÃO



PARCEIROS

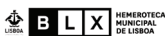


COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELÊNCIA



O Presidente da República

APOIOS









Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Rua Serpa Pinto, 65

2600-263 Vila Franca de Xira

Tel.: 263 280 350

museumunicipal@cm-vfxira.pt

www.museumunicipalvfxira.pt

38°57' 11,64"N

8°59'18,10"W

Celeiro da Patriarcal

Rua Luís de Camões, 130

Vila Franca de Xira

Tel.: 263 271 155

38°57' 12,34"N

8°59'22,12"W

Horário da exposição

3ª a domingo, das 14h00 às 19h00

Encerra às segundas-feiras e feriados

Legenda da fotografia da capa e contracapa

Lisbon Flood Disaster

A Calamidade das Cheias de Lisboa

Terence Spencer

Novembro de 1967

Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira

ORGANIZAÇÃO



PARCEIROS



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELENCIA



O Presidente da República